

Crítica XXI

“Há mais mundo para além da esquerda”

REVISTA As direitas e o seu pensamento, a tradição intelectual e os seus valores, ressurgem num projeto editorial dirigido por Jaime Nogueira Pinto e Rui Ramos, em oposição a um “caldo cultural dominante” de esquerda, um “mal português”, dizem, que “tolera” e “acomoda a mediocridade”. Uma garantia: “Não faremos nem comentário nem análise à política partidária.”

TEXTO **ARTUR CASSIANO**



...amento parisiense de Montmar...
 ...s mil páginas, dizia, entre elas
 ... original de *Casse-Pipe*. O ladrão,
 ...s, segredo Céline, teria sido um ju-
 ...deu corso, Oscar-Louis Rosembly,
 ...seu contabilista.

Os famosos manuscritos rou-
 ...dados terão reaparecido em 2005
 ...tão misteriosamente como teriam
 ...desaparecido em 1944: um desco-
 ...nhecido entregou-os a Jean-Pierre
 ...Thibaudat, jornalista e crítico de
 ...Teatro. Mas o depositário, para
 ...não beneficiar com os direitos
 ...a viúva de Céline, Lucette Des-
 ...touches, esperou até que Lucette
 ...morresse em 2019, com 107 anos,
 ...para os tornar públicos.

Entre estes vários escritos, cuja
 ...publicação os editores preparam,
 ...está o romance *Guerre*, agora pu-
 ...blicado pela Gallimard.

Guerre, escrito, pensa-se, em
 ...1934, é um romance breve, ao
 ...contrário das longas narrativas de
 ...*Figage* ou de *Nord*. É autobiográfi-
 ...co: o narrador-protagonista, Fer-
 ...dinand, repete a experiência de
 ...Céline em 1914 quando é ferido
 ...na cabeça e no braço, numa ope-
 ...ração para que se voluntariara. Os
 ...temas são universais mas muito
 ...celineanos, a violência, o sexo e a
 ...viúva ao lado da morte e mistura-
 ...da com a morte; tudo num mundo
 ...de sangue, suor, lama, sofrimento,

sordidez. E a sordidez não está so-
 ...na peregrinação quase dantesca
 ...do protagonista por hospitais de
 ...campanha e nas personagens que
 ...se vão agregando — como o seu ca-
 ...marada ferido, Bébert, proxeira
 ...da prostituta Angela, ou a enfer-
 ...meira Mile Lespinaise (*homená-
 ...nia de uma das egéias dos salões
 ...progressistas parisienses do século
 ...XVIII*), que consola os feridos sa-
 ...tizando-os de modo discreto e
 ...igualitário.

Com Céline, como com o
 ...cubano Pedro Juan Gutierrez, o
 ...realismo sórdido só se torna supor-
 ...tável pela qualidade do estilo, da
 ...escrita, pela procura da verdade e
 ...a firmeza da palavra justa, que salva
 ...e redime a prosa da perversão e da
 ...porosografia. Daqui vem a reden-
 ...ção do escritor, que passa pelos ce-
 ...nários da guerra da Flandres, que
 ...já deixara nas primeiras páginas
 ...de *Figage*, desconstruindo-os para
 ...revelar também o absurdo e a estu-
 ...pididade dos grandes responsáveis
 ...por tão inútil carnificina — dos
 ...generais aos políticos. Foi também
 ...isso que, há 90 anos, lhe valeu o
 ...aplauzo da esquerda pacifista.

Um livro a ler, agora que a
 ...guerra voltou à Europa, uma guer-
 ...ra que, na sua essência, parece
 ...comparável, na parte estática, à de
 ...1914 — com a diferença que, então,
 ...os combatentes se enterravam nas

Roas, de Rodrigo Lamas, e todos ali colaboraram, com outros dois grandes amigos já desaparecidos, Ernesto de Moura Coutinho e António Maria Pinheiro Torres, a ocuparem-se da “intendência”.

Marcelo Caetano, político do Estado Novo, em certos aspectos mais autoritário e fascizante que o seu antecessor, tentava o impossível — liberalizar uma estrutura tecida à mão por Salazar, e que Salazar governara de um modo pessoal, deixando o sistema armadilhado.

Nesses anos finais do regime salazarista, o Império e a guerra de África foram o primeiro ato de uma política de aproximação do luto. A aparente despoliarização política-ideológica e a convicção generalizada de que determinados valores mundiais eram aceites como inelutáveis levaram alguns a saudarem entusiasticamente a vinda de uma utopia global. E, com ela, a crescente adesão à velha máxima comunista: «A nossa pátria é o mundo inteiro». Mas a verdade é que apesar da complexa teia securitária entretanto espalhada pelo mundo, e da autocontenção conseguida pela «vacinação» contra o vírus da liberdade de expressão, não só as tensões entre povos e espaços políticos se intensificaram como, pelo que testemunhamos hoje, ameaçam descontrolar-se.

A vilanização do nacionalismo

O conceito de Nação foi evoluindo ao longo das eras históricas ao longo dos movimentos culturais mais influentes. Na sua origem a ideia de afirmação de pertença a uma singular comunidade de destino...
 ...os que permitia referenciar ou identificar um indivíduo perante os

A “atmosfera cultural de pensamento único que, além de consagrar o ‘antifascismo’ como ideologia oficial do regime, designou como única direita admissível a direita da esquerda, ou seja, uma direita deesquerdistas ou centristas arrependidos, de boa ou má-fé [...] [as direitas] abandonaram-se à correção da narrativa antifascista e ao domínio cultural das esquerdas”.

A análise — esta frase com autoria de Jaime Nogueira Pinto — faz parte do texto de abertura, uma “viagem pelas direitas”, da nova revista *Crítica XXI*, que pretende abrir, explica Rui Ramos, “outra perspectiva às pessoas, trazer diversidade e, pluralidade. Há mais mundo para além da esquerda e um mundo fascinante, um mundo de grandes escritores, de grandes autores. Nós somos a porta aberta para se chegar a esse outro mundo”.

O que foram conceitos, na leitura de Jaime Nogueira Pinto, “lugares geométricos inicialmente batizados [de esquerda e de direita] a partir de lugares cativos em assembleias políticas fundacionais — o Parlamento britânico e as Constituintes pós-revolucionárias francesas”, está hoje “enfermo de um vício que ficou depois do 25 de Abril: separar a direita da esquerda pela questão económica, coisa que hoje não faz praticamente sentido nenhum”. E por um passado de “quase meio século de uma direita autoritária, conservadora e salazarista”, que prejudicou as “próprias causas tradicionais da direita”.

Como “reação aos partidos de esquerda, a direita teve uma enorme preocupação em afastar os tais valores tradicionais, religiosos e conservadores”, diz Jaime Nogueira Pinto. A consequência foi, acrescenta Rui Ramos, a perda de “uma dimensão cultural e política” por via de um “enviesamento da educação e cultura disponíveis, um empobrecimento que é explicado pelo peso e pelo domínio da esquerda”.

A explicação “histórica”, diz o historiador, que partilha com Jaime Nogueira Pinto a direção da nova revista, está na “forma como a democracia em Portugal se desenvolveu e que teve uma esquerda que quis sempre ter o leque todo, e não só

A nova revista quer “dar a conhecer a tradição intelectual das direitas e os seus desenvolvimentos atuais”.

Rui Ramos e Jaime Nogueira Pinto na apresentação da revista no El Corte Inglés, em Lisboa.



metade do leque, e tentar perceber tudo. E ao tentar perceber tudo com essa cultura dominante, [a esquerda] acabou por se situar à direita”.

“É o que acontece, e acontece frequentemente. As pessoas em Portugal, genericamente, são de esquerda porque querem ser de esquerda e as pessoas são de direita porque são mandadas pela esquerda para a direita. As razões pelas quais uma pessoa é de direita aqui em Portugal é porque gosta de determinados autores, de determinados tipos de literatura, de determinado tipo de cultura, que não são aqueles que são aprovados, que não fazem parte do cânone da esquerda. E, claro, porque têm determinadas preocupações em relação à sociedade, à economia, e certas soluções políticas que não são as que a esquerda adota ou adotou”, argumenta Rui Ramos.

De tal forma assim é, considera Jaime Nogueira Pinto, que, “tirando a visão económica, a Iniciativa Libe-

ral é de esquerda”. Acontece que, segundo Rui Ramos, em “Portugal, um liberal está à direita, por mais que não queira. Está à direita porque a esquerda é antiliberal”.

É por uma procura de reflexão que “este grupo de pessoas se lançou num projeto editorial – e não temos exatamente as mesmas ideias, há posições e ideias diferentes”. Que, explica Rui Ramos, “não quer apenas reatar a tradição das revistas à direita, quer também reatar a tradição com outro tipo de escrita e leitura associado ao papel, recuperar esse meio de análise que em vários países nunca foi perdido. Se olharmos para os Estados Unidos, para Inglaterra, para França, para dar alguns exemplos, este tipo de revistas, até neste formato a aproximar-se de um livro, é um produto muito frequente”.

A *Crítica XXI* “está associada a uma leitura mais demorada, em que a pessoa lê e relê, está ligada a essa ideia de guardar o escrito, não

over apenas no ecrã e passar a outra coisa. Este projeto tem uma dimensão política e cultural, mas também tem a dimensão de tentar corresponder àquilo que nos pareceu que ainda existe: outros modos de leitura que não são aqueles que estão associados com o *online*, com a leitura eletrónica, com uma leitura rápida e diagonal”.

Porém, avisa, “não andamos à procura de pessoas que concordem conosco. Não faremos nem comentário nem análise política à política do dia a dia, à política partidária. Não é para isso que existimos. Somos uma revista cultural, onde os da direita e outros se podem encontrar, sem estarmos limitados pelo partidário”.

O que importa são “os valores, o que encontramos na história, na literatura, no cinema”, porque “as pessoas não sabem quase nada da direita e o que sabem é o que a esquerda diz. Importa o trabalho das ideias, que as gerações mais novas

percebam que há mais mundo, que há outros valores, alternativas, escritores, pensadores”, sublinha Jaime Nogueira Pinto.

“Maneiras de ver, de discutir, de olhar para as coisas de forma multifacetada, que compreende uma série de famílias politicamente definidas, liberais, conservadores, nacionalistas, e todos os sub-ramos destas famílias”, acrescenta Rui Ramos.

Maneiras assim tão diferentes da esquerda? “As questões que dividem a direita da esquerda – e cada um tem a sua direita e a sua esquerda – são um conjunto de valores sobre o sentido da economia, a propriedade privada, que o Estado não seja tão grande como é. Mas, essencialmente, é um certo espiritualismo ligado às questões do Cristianismo, ao valorização / fronteira, à família no sentido tradicional, a direita continua a ser bastante ligada a esse conceito. E finalmente o facto de a direita ter conseguido ir buscar votos a uma classe trabalhadora que ficou órfã da esquerda, terpegado nas causas minoritárias, no justicialismo social”, responde Jaime Nogueira Pinto. “Estes valores tradicionais podem e devem ser defendidos em democracia. Uma coisa são os valores e os princípios, outra coisa são os instrumentos e o regime.”

“Ousem descobrir outras maneiras de pensar, ousem descobrir outras referências. Aqui vamos escrever sobre temas que não são tratados na imprensa tradicional ou tratar de outra maneira os que são; falar de autores que provavelmente não são os mais citados nessa imprensa dominante, introduzir diversidade ao círculo mediático das mesmas pessoas, a falar das mesmas coisas, da mesma maneira”, desafia Rui Ramos.

A *Crítica XXI*, de edição trimestral, que encaixa “naquela ocorrência de projetos editoriais que dão voz, tentam criar espaço para uma reflexão e para uma crítica fora da esquerda, quer do ponto de vista liberal conservador quer de um ponto de vista mais conservador nacionalista”, considera Rui Ramos, é das raras revistas de direita [em mais de 50 anos, a *Política*, a *Futuro Presente* e a *Atlântico*, que encerrou em 2008, foram as mais significativas] colocadas no mercado, apesar de ter havido “uma imprensa em alguns aspetos bastante forte, desde logo em 1974/75, com o semanário *Tempo*, o *Dia*, o *País*, o *Diabo*, a *Tarde*, o *Semanário* e o *Independente*. Houve uma tradição de uma imprensa bastante combativa. A partir de 2008, desde a *Atlântico*, deixou de haver essa tradição de imprensa alternativa à da esquerda”.

Explicação? “A cultura dominante de uma esquerda que acabou com o tempo, por razões eleitorais, de conjuntura, e não por doutrina, por se situar também à direita.” A direita do PSD? “Essa é a resposta”, diz Jaime Nogueira Pinto, “mas não acho que o PSD seja de direita. O comportamento dependeu sempre muito das lideranças”.

artur.cassiano@din.pt



Estas revistas foram, nos últimos 53 anos, as mais “significativas” no universo da direita em Portugal. A mais recente, a *Atlântico*, foi dirigida por Paulo Pinto Mascarenhas. A *Futuro Presente* e a *Política* tiveram a assinatura de Jaime Nogueira Pinto.